Volume
31/2
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

História Pública: caminhos para a democratização do conhecimento já disponível!



Hist. Rev. Pelotas Vol. 31 Nº 2 p. 1-199 ago. 2026 ISSN 2596-2876

Reitoria
Reitora: *Ursula Rosa da Silva*
Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*
Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*
Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*
Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*
Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*
Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*
Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*
Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*
Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*
Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*
Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*
Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*
Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*
Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas
Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*
Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa. Beatriz Loner
Coordenadora:
Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Membros do NDH:
Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas
Prof. Dra. Márcia Janet Espig
Técnico Administrativo:
Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais
Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner

Comissão Editorial:
Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Prof. Dr. Jornas Vargas
Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:
Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile
Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)
Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)
Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)
Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)
Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)
Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)
Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)
Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa
Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)
Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)
Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)
Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)
Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)
Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)
Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)
Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)
Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Lorena Almeida Gill (UFPel); Alice da Conceição Teixeira (UFPel); Flaviano Batista Ferreira (UFPel)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Trapiche da praia do Laranjal (Pelotas-RS). Foto: Paulo Koschier

Pareceristas ad hoc: Aldenize da Silva Ladislau (UFPB); Amanda Chiamenti Both (PUCRS); Amanda Motta Castro (FURG); Ana Lúcia Costa de Oliveira(UFPel); Ângelo Rodrigo silva Pinheiro (UFF); Anselmo Alves Neetzow (FURG); Artur

Henrique Franco Barcelos (FURG); Caiuá Cardoso Al-Alam (UNIPAMPA); Daniel Ferreira da Silva (UEM); Darcylene Pereira Domingues (UFPel); Dayane Nascimento Sobreira (UFPB) Eduardo Rocha (UFPel); Felipe Nóbrega Ferreira (UFPel); Felipe Treviso Bresolin (UFRGS); Jivago Correia Barbosa (IPHAN/PB - IFPB); Jonas Moreira Vargas (UFPel); Juarez José Rodrigues Fuão (FURG); Julia Silveira Matos (FURG); Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (UFPB); Marciane Ambrósio Benicio (UFPB); Mauro Dillmann Tavares (UFPel); Natália de Oliveira Tavares (USP); Rafael Nóbrega Araújo (UEPB/UFCG); Rafael Teixeira Chaves (UFPel); Taiane Mendes Taborda (UFPel); Vanessa Avila Costa (UFPel); Wagner Silveira Feloniuk (FURG); Wanderlene de Freitas Souza Barros (UFAM); Wilian Junior Bonete (UFPel).

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial
Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira
Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra
Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter
Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha
Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)
Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)
Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro
Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares
Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite
Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böettge
Seção de Produção
Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böettge
Catalogação – Madelon Schimmelpfennig Lopes
Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böettge
Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueredo Alves, Alicie Martins de Lima (Bolsista)
Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira
Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube
Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/2
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPel / NDH / Instituto de Ciências Humanas
Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Fone/Whatsapp: (53) 3284 3208
Disponível em
https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPel

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : História Pública : caminhos para a democratização do conhecimento já disponível!) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.2, ago. 2026. – Pelotas: UFPel/NDH, 2026 –
199 p. ; 3 MB

Semestral
e-ISSN: 2596-2876
Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
Disponível em:
https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Conhecimento

CDD: 907

Editora UFPel
Filiada à ABEU

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **07**
A HISTÓRIA PÚBLICA COMO UMA POSSIBILIDADE PARA DEMOCRATIZAR O CONHECIMENTO

PUBLIC HISTORY AS A POSSIBILITY FOR DEMOCRATIZING KNOWLEDGE

Lorena Gill | Alice Teixeira | Flaviano Batista

QUEM DECIDE O QUE SERÁ LEMBRADO? INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ACERVOS DIGITAIS E O FUTURO DO DIREITO À MEMÓRIA **12**

WHO DECIDES WHAT WILL BE REMEMBERED? ARTIFICIAL INTELLIGENCE, DIGITAL COLLECTIONS AND THE FUTURE OF THE RIGHT TO MEMORY

Denis Ramon Funes Flores

COLETÂNEA DO ARQUIVO DO SENADO FEDERAL E OS DESAFIOS DE UMA HISTÓRIA PÚBLICA DENTRO DO PODER LEGISLATIVO **22**

FEDERAL SENATE ARCHIVE COLLECTION AND THE CHALLENGES OF PUBLIC HISTORY WITHIN THE LEGISLATIVE BRANCH

Alexandre Alves de Sousa Moreira

"HISTÓRIAS COMPARTILHADAS": A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO PASSADO NA COLEÇÃO DE HISTÓRIA ORAL DO MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO **35**

"SHARED HISTORIES": COLLECTIVE CONSTRUCTION OF THE PAST IN THE ORAL HISTORY COLLECTION OF THE MUSEUM OF IMMIGRATION OF SÃO PAULO

Pedro Jardel Fonseca Pereira

ARQUIVOS QUE REVELAM: O NDH/UFPEL E SUAS ARTICULAÇÕES ENTRE HISTÓRIA PÚBLICA, DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E HISTÓRIA DAS MULHERES **55**

ARCHIVES THAT REVEAL: NDH/UFPEL AND ITS ARTICULATIONS BETWEEN PUBLIC HISTORY, THE DEMOCRATIZATION OF KNOWLEDGE, AND WOMEN'S HISTORY

Andreina Hardtke Corpes

MEMÓRIA CONTRA O SILÊNCIO: O TRABALHO DA COMISSÃO UNIVERSITÁRIA DA VERDADE / UFPEL COMO FERRAMENTA PARA A PRÁTICA DA HISTÓRIA PÚBLICA 78

MEMORY AGAINST SILENCE: THE WORK OF THE UNIVERSITY TRUTH COMMISSION / UFPEL AS A TOOL FOR THE PRACTICE OF PUBLIC HISTORY

Nádia Coelho Kendzerski | Natasha Dias Castelli

ENTRE O TRABALHO E OS FILHOS: MATERNIDADES E SERVIÇO DOMÉSTICO NA ESCRAVIDÃO URBANA (RIO DE JANEIRO, 1870) 95

BETWEEN WORK AND CHILDREN: MOTHERHOOD AND DOMESTIC SERVICE IN URBAN SLAVERY (RIO DE JANEIRO, 1870)

Nubia Sotini dos Santos

ROTEIROS NEGROS NO PARANÁ: ESTRATÉGIAS DE HISTÓRIA PÚBLICA E ENSINO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA 112

BLACK ROUTES IN PARANÁ: PUBLIC HISTORY AND ANTI-RACIST HISTORY EDUCATION

Noemi Santos da Silva | Merylin Ricieli dos Santos

BABÁ X BORCHES – O POSSÍVEL PRIMEIRO NEGRO DO FUTEBOL PELOTENSE 130

BABÁ X BORCHES – THE LIKELY FIRST BLACK PLAYER IN PELOTAS FOOTBALL

Gabriel Gonçalves Ribeiro

DA FORMAÇÃO COIMBRA À COORDENAÇÃO IMPERIAL: ELITES, PROVÍNCIAS E UNIDADE TERRITORIAL NO BRASIL OITOCENTISTA EM PERSPECTIVA IBERO-AMERICANA 145

FROM COIMBRA TRAINING TO IMPERIAL COORDINATION: ELITES, PROVINCES, AND TERRITORIAL UNITY IN NINETEENTH-CENTURY BRAZIL FROM AN IBERO-AMERICAN PERSPECTIVE

Thiago Perez Bernardes de Moraes

O *EMPÓRIO DAS ARTES* E A PRESENÇA INDÍGENA NO MUSEU DE ARTE SACRA DO PARÁ: SILENCIAMENTOS E DESAFIOS EDUCATIVOS 168

THE EMPORIUM OF ARTS AND THE INDIGENOUS PRESENCE AT THE PARÁ MUSEUM OF SACRED ART: SILENCING AND EDUCATIONAL CHALLENGES

Diego Pereira Santos | Gabriel Ramos Pacheco | Laís Santos Sousa | Lorena Botelho de Souza | Mariane Alves Borges

ARQUITETURAS DO PROGRESSO: MANAUS, A BELLE ÉPOQUE E O PROJETO URBANO REPUBLICANO NA AMAZÔNIA 182

ARCHITECTURES OF PROGRESS: MANAUS, THE BELLE ÉPOQUE, AND THE REPUBLICAN URBAN PROJECT IN THE AMAZON

Janderson Gustavo Soares de Almeida | Clodoaldo Matias da Silva | Maria das Graças Maciel de Oliveira | Denison Melo de Aguiar

BABÁ X BORCHES – O POSSÍVEL PRIMEIRO NEGRO DO FUTEBOL PELOTENSE

BABÁ X BORCHES – THE LIKELY FIRST BLACK PLAYER IN PELOTAS FOOTBALL

Gabriel Gonçalves Ribeiro

Doutorando em História na Universidade Federal de Pelotas (PPGH/UFPel) – Bolsista CAPES/Demanda social. Mestre em Políticas Sociais e Direitos Humanos (PPG-PSDH/UCPel). Pós-graduado com especialização em Ciências da Comunicação (UCPel). Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo (UCPel) e Licenciado em História (UniÚnica). Atuou como assessor de comunicação no Esporte Clube Pelotas (2006-2013), assessor parlamentar na Assembleia Legislativa do RS (2014-2020) e diretor estadual do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do RS (2016-2019). Colaborador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol). Professor voluntário das disciplinas de História e de Atualidades no curso de extensão e de educação popular Desafio (UFPel)

E-mail: gabrielribeirojornal**@gmail.com**

Resumo. Este estudo tem como objetivo estabelecer uma análise social e cultural que perpassa os principais momentos da linha do tempo do futebol brasileiro no começo do século XX, resgatando a herança promovida pelo período de pós-abolição de 1888. Desse modo, a pesquisa aprofunda sua crítica ao discorrer acerca das inserções do atleta negro nos clubes profissionais, fato ocorrido somente a partir dos anos de 1930, quando ocorre a profissionalização da modalidade no Brasil. O percurso metodológico deste trabalho faz uso de uma pesquisa bibliográfica que abrange obras que abarcam o futebol nacional, mas principalmente as que remetem à gênese desse esporte na cidade de Pelotas. Ademais, este trabalho faz uso da micro-história enquanto técnica para abordar em um capítulo a primazia do primeiro negro em um clube profissional do futebol pelotense. Por fim, o presente estudo traz em suas considerações a importância do futebol na cidade de Pelotas enquanto cenário de resistência ao preconceito racial e de distinção social promovida pelas elites nos primórdios da prática desse esporte nessas localidades.

Palavras-chave: Futebol. Pelotas. Pós-abolição.

Abstract. This study aims to establish a social and cultural analysis that encompasses the main moments in the timeline of Brazilian football at the beginning of the 20th century, recovering the legacy promoted by the post-abolition period of 1888. Thus, the research deepens its critique by discussing the inclusion of Black athletes in professional clubs, a fact that only occurred from the 1930s onwards, when the sport became professionalized in Brazil. The methodological approach of this work uses bibliographic research encompassing works that cover national football, but mainly those that refer to the genesis of this sport in the city of Pelotas. Furthermore, this work uses microhistory as a technique to address, in one chapter, the primacy of the first Black player in a professional football club in Pelotas. Finally, this study considers the importance of football in the city of Pelotas as a scenario of resistance to racial prejudice and social distinction promoted by the elites in the early days of the sport in these localities.

Keywords: Football. Pelotas. Post-abolition.

História em Revista, Volume 31, n. 2, ago./2026, pg. 130 a 144
Artigo recebido em 27/04/2026. Aprovado em 22/07/2026
Dossiê História Pública: caminhos para a democratização do conhecimento já disponível
Publicação do Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner
Disponível em https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/about

Introdução

O futebol, num contexto global, se tornou umas das principais mercadorias midiáticas do planeta. A espetacularização da modalidade faz com que os negócios envolvendo jogadores de futebol abarquem quantias exorbitantes, completamente distantes da realidade laboral de outros segmentos. A Copa do Mundo, evento organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) tem previsto para a edição do ano de 2026, que será disputada nos Estados Unidos, México e Canadá, um faturamento de 10,9 bilhões de dólares, o que corresponde a cerca de R$ 58,7 bilhões de reais (Schwambach, 2026).

Porém, existe um futebol à sombra (Galeano, 2024), que comporta uma maior fatia de atletas que vivenciam uma cruel realidade: a precarização da profissão. Conforme um levantamento realizado pelas empresas Statista e Ernst Young junto à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2021 e, posteriormente, divulgado pela plataforma Cupom Válido, mais da metade dos 360 mil atletas registrados vivem com apenas um salário mínimo e nem 25% deles têm o futebol como fonte de renda principal (Edição do Brasil, 2021).

Além disso, o mesmo levantamento traz que, no Brasil, esse esporte movimenta por ano R$ 52 bilhões, porém 80% desse valor está concentrado em apenas 7% dos profissionais registrados. Essa desigualdade do futebol brasileiro, mesmo que nociva, é responsável por propagandear a modalidade para aqueles que estão desempregados através de um raso discurso: o da meritocracia. Porém, antes mesmo do futebol no Brasil lidar com altas quantias, ele sempre foi dotado de preconceito e exclusão.

Desse modo, abordar a condição do negro no futebol brasileiro desde a gênese da modalidade aos dias atuais é de fundamental importância para uma compreensão que leva em conta a combinação entre o local com a história global, através do uso da narrativa (Trivellato, 2021). Portanto, é necessário definir um marco temporal para o futebol analisado neste estudo, o qual se dá em meados do século XIX, onde a modalidade é uma representação de distinção entre a burguesia e a classe operária da época. Além disso, é o período que surgem as regras para o esporte que conhecemos nos dias de hoje. De acordo com Galeano (2024, p. 33), “o futebol provém de um acordo de cavalheiros que doze clubes ingleses selaram no outono de 1863, numa taverna de Londres. Os clubes assumiram as regras estabelecidas em 1846 pela Universidade de Cambridge”.

A partir desse regramento, as universidades inglesas passaram a adotar o futebol como instrumento de formação dos filhos da elite. A imposição do respeito às regras e um bom desempenho na prática esportiva forjaram as principais lideranças daquela sociedade. Além de entretenimento para as elites, a modalidade também serviu como ferramenta de controle social da classe operária, pois com o aumento do tempo de não-trabalho, o esporte fazia com que os funcionários praticassem algo não violento e que não dificultava a presença deles no dia seguinte de trabalho.

Proni (1998, p. 58), enfatiza, ainda, que outra função do futebol naquela época era a de “combater a delinquência nas populações miseráveis como Liverpool e

Manchester, e estimular atitudes e aptidões relativas ao mundo do trabalho, como a resistência física, a disciplina funcional e a obediência às normas e comandos". No Brasil, o início da modalidade muito se parece com a da Inglaterra, mas é exatamente nas pequenas diferenças, muitas vezes despercebidas, que este estudo concentra sua análise.

Antes, porém, cabe registrar que, em terras brasileiras, a trajetória do futebol inicia na cidade de São Paulo. Em 1894, por lá desembarcou Charles William Miller, um jovem brasileiro que estudou em Southampton, na Inglaterra, no final do século XIX. Das terras inglesas trouxe duas bolas de futebol e um livro com as regras do jogo. Em 14 de abril de 1895, organizou e registrou aquele que seria o primeiro jogo de futebol com regras do país (Ribeiro, 2025).

Assim como na Inglaterra, o futebol no Brasil iniciou sendo praticado pelas elites, classe majoritariamente branca, que enxergava no futebol uma atividade de lazer refinado. Nos mais diversos estados do território brasileiro, os jogos eram promovidos pelos clubes sociais e realizados em locais fechados. A população negra era excluída dessas atividades (Matias, 2020). Porém, afora dos muros da alta sociedade, o esporte também começou a ser praticado, mesmo que sem visibilidade, por pessoas advindas das camadas populares da sociedade, principalmente da população negra urbanizada, oriunda do período de pós-abolição de 1888. Magalhães (2010) destaca que as três primeiras décadas do futebol brasileiro no século XX foram marcadas por duas disputas, sendo uma delas a elitização frente à democratização do esporte.

Ribeiro (2025, p. 42) salienta que na virada do século XIX para o XX "o negro e o mestiço carregavam consigo o fardo do Brasil estar engatinhando em um modelo de sociedade pós-escravagista. O futebol refletia um racismo estrutural, escancarado na sociedade daquele momento". Sobre a popularização da modalidade, o autor apresenta, ainda, como se deu a inclusão de operários e negros, respectivamente, em duas agremiações reconhecidas no futebol brasileiro:

> Dois exemplos ilustram bem essa popularização à época. O primeiro deles é o do Bangu Atlético Clube, que foi um dos primeiros clubes do Brasil a estabelecer uma relação entre empresa fabril e clube de futebol. Criado em 1904 por trabalhadores ingleses da Companhia Progresso Industriais no Rio de Janeiro, o clube recebia apoio dos donos e diretores da Companhia, que compravam os materiais necessários para a realização das partidas. Como a fábrica ficava localizada longe do centro e das áreas das classes altas, havia dificuldade para se chegar no número necessário de jogadores. Por isso, operários acabavam sendo recrutados para completar o grupo. Ao fazer parte da equipe, os operários selecionados gozavam de alguns favorecimentos, como menos horas na jornada de trabalho, tarefas mais leves e a possibilidade de promoção em menos tempo. Aqueles escolhidos passavam a trabalhar na sala do pano cortando tecido, pois precisavam descansar e economizar energia para os dias de jogos. O outro exemplo é o do Sport Club Corinthians Paulista, o qual foi fundado em 1910 por moradores do bairro do Retiro, localizado na cidade de São Paulo, composto naquele tempo majoritariamente por imigrantes e operários. A criação desse clube na cidade onde o futebol mais se desenvolvia visava formar um clube para as massas, com a participação de negros, brancos,

> imigrantes e operários. Dessa maneira, sua criação foi pioneira no rompimento com os pré-requisitos inventados pelas elites para definir quem poderia ou não praticar a modalidade. Por sua gênese e trajetória, o Corinthians é conhecido como Clube do Povo (Ribeiro, 2025, p. 41).

Na obra "O negro no futebol brasileiro", Mário Filho externa, no capítulo intitulado Raízes do Saudosismo, uma desconfiança que à época da publicação do livro, em 1947, apontava a naturalização acerca das recordações sobre os primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro no período de pós-abolição:

> Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Por que o saudosista era sempre branco? O saudosista sempre branco, nunca preto, dava para desconfiar. E depois, a época de ouro, escolhida pelo saudosista, era uma época que se podia chamar de branca. Os jogadores claros, bem brancos, havia até louros nos times, ia-se ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali, perdiam-se, nem chamavam atenção (Filho, 2010, p. 29).

Na cidade de Pelotas, principal recorte espacial deste estudo, o futebol tem sua gênese nesse mesmo enraizamento permeado por preconceito e exclusão. Porém, a análise desse contexto é elencada por corroborar com o uso pontual da micro-história enquanto técnica, a qual reduz sua escala de observação. Portanto, o presente trabalho se utiliza da valorização dos detalhes, da crítica à visão macro e à simplificação, assim como contribui para uma visão ética e epistemológica, diferentemente do evidenciado no historicismo e nas grandes narrativas (Ginzburg, 2007).

Desse modo, este estudo tem como objetivo aprofundar uma análise em um dos principais momentos da linha do tempo do futebol pelotense que mostra toda a importância dos clubes e atletas negros, logo nos anos incipientes do pós-abolição. As conquistas e os atos de resistência, assim como a luta contra o preconceito desde a chegada do futebol no extremo sul do país podem ser compreendidas sob uma nova hipótese, criada a partir do resultado desta pesquisa.

Os primeiros chutes do futebol pelotense

Éder (2010) destaca que na elitizada Pelotas o futebol surgiu no dia 6 de outubro de 1901, quando o Sport Club Rio Grande, clube mais antigo do país e ainda hoje em atividade, fundado no dia 19 de julho de 1900[1], foi responsável pela prática da primeira partida de futebol na cidade. Na ocasião, o clube rio-grandino "aceitou o convite da União Gaúcha para abrilhantar a festa de seu segundo aniversário e posse de sua nova diretoria. Viajou com dois times, que disputaram em Pelotas o primeiro jogo de futebol da cidade" (Éder, 2010, p. 12).

[1] O Sport Club Rio Grande foi fundado em 19 de julho de 1900. A data – dia e mês - é considerada e celebrada anualmente como o Dia do Futebol Brasileiro.

Nesse período, Pelotas despontava economicamente, já que o Rio Grande do Sul abastecia o mercado nacional com produtos da base primária, como o charque, por exemplo. Através desse produto, a cidade evoluiu de tal forma que, em 1906, foi fundado em Pelotas o Banco Pelotense, um dos três maiores do país em número de depósitos realizados. Por isso, a vinda do Sport Club Rio Grande à cidade de Pelotas, mesmo situado na cidade vizinha a 70 Km de distância, só poderia ter ocorrido por meio de um convite da elite local, como nesse caso, por parte de um dos clubes sociais mais elitizados do município à época.

Em novembro de 1903, ou seja, dois anos depois da apresentação do Sport Club Rio Grande, novamente a convite do clube União Gaúcha, esteve em Pelotas o Sport Club União, também da cidade de Rio Grande. A apresentação ocorreu em homenagem ao projetado monumento à memória de Domingos José de Almeida[2], no antigo Prado Pelotense, onde a equipe visitante venceu a partida pelo placar de 2 a 0 (Éder, 2010).

No ano seguinte, em 1904, Octávio Mascarenhas trouxe da capital uruguaia, Montevidéu, uma bola de futebol e fundou o Athletico Foot-Ball Clube, considerado o primeiro clube de futebol do município de Pelotas (Alves, 1984). Dois anos depois, no ano de 1906, ocorre a fundação de mais seis clubes: Club Sportivo (1º/01/1906), Club Sportivo Internacional (10/01/1906), Foot Ball Club (27/05/1906), Sport Club União (1º/06/1906), Sport Club Esperança e Club Esportivo 7 de Setembro. Sendo esses dois últimos, sem registro de suas datas de fundação nos jornais disponíveis na Bibliotheca Pelotense (Mackedanz; Silva; Rigo, 2021).

Com o surgimento dessa quantidade significativa de clubes, em 1907 foi fundada a Liga Pelotense de Futebol (LPF). Um ano depois, com a participação de três clubes (União, Foot Ball e Internacional) foi realizado o primeiro campeonato da LPF, o qual foi vencido pelo Foot Ball. Nos anos seguintes a LPF não organizou mais campeonatos. O motivo se deu pela fusão de dois dos três clubes que disputaram a primeira edição: o Foot Ball e o Internacional. "O plano dos dirigentes era fundar, na época, uma entidade esportiva que acompanhasse o progresso da cidade. Em homenagem a ela, o novo clube decidiu usar as cores azul e amarela, além de levar seu nome" (Éder, 2010, p. 13). Assim, em reunião realizada nas dependências do Clube Caixeral na data de 11 de outubro de 1098, foi fundado o Sport Club Pelotas[3].

Três anos mais tarde, em 7 de setembro de 1911, foi fundado o Grêmio Sportivo Brasil[4]. A criação do clube se deu após uma divergência no Sport Club Cruzeiro do Sul, dirigido por funcionários da Cervejaria Haertel. Após sua criação, o Grêmio Sportivo Brasil vestiu por três meses as cores verde e amarelo, alusivos à bandeira

[2] Domingos José de Almeida foi um charqueador, político, jornalista e militar brasileiro. Em Pelotas, se dedicou a venda de charque ao centro do país e ao exterior. Foi considerado à época da Revolução Farroupilha (1835-1945) um dos mais prósperos industriais do Rio Grande do Sul. Em 20 de setembro de 1885 recebeu a primeira homenagem a um republicano no Brasil: o Obelisco de Pelotas.

[3] Após o Formulário Ortográfico de 1943, que unificou a ortografia do português no Brasil, o Sport Club Pelotas passou a ser Esporte Clube Pelotas.

[4] Assim, como o rival, depois do Formulário Ortográfico de 1943, o Grêmio Sportivo Brasil mudou para Grêmio Esportivo Brasil.

nacional. Porém, "por sugestão do fundador Manoel Ayres Filho, membros do Clube Diamantinos, e pelo fato das cores serem parecidas com a do Pelotas, foram mudadas para vermelho e preto" (Amaral; Osório, 2008, p. 19).

Ainda, quanto às fundações do Esporte Clube Pelotas e do Grêmio Esportivo Brasil se faz necessário destacar que as cores utilizadas nas camisas das duas instituições são as mesmas de dois clubes sociais da elite de Pelotas do início do século XX: o Clube Caixeral, que ostenta as cores azul e amarela, e o Clube Diamantinos, de bandeira vermelha e preta. Atualmente, em Pelotas, somente esses dois clubes disputam as competições oficiais de futebol profissional.

Além das cores de seus escudos e uniformes, outro elemento que reproduz a identidade de cada uma dessas agremiações é o local onde cada uma realiza seus jogos. O Esporte Clube Pelotas tem seu estádio[5] no mesmo local desde o ano de sua fundação, em 1908, já o Grêmio Esportivo Brasil esteve em distintos locais. De 1913 a 1927 alugou o Campo da Estação, mais tarde denominado de Estádio Getúlio Vargas, propriedade do Clube Atlético Bancário[6]. Nesse período, a partir da década de 1920, o clube passou a aceitar negros em seus quadros. Amaral e Osório (2008) destacam que no período em que o Brasil jogava no Campo da Estação, o clube era conhecido por Negrinhos da Estação. Porém, o futebol pelotense não acontecia somente nos clubes fundados e moldados pela elite do município. Os negros utilizaram a modalidade para promover a ocupação de importantes espaços de sociabilidade à época.

Os negros no futebol da cidade de Pelotas

No início do período de pós-abolição, em 1890 os negros representavam cerca de 30% da população urbana de Pelotas (Mackedanz; Silva; Rigo, 2021). O futebol cresceu tanto na cidade que, mesmo com a forte exclusão e preconceito nas duas primeiras décadas do século, a população afrodescendente organizou e fundou sua própria liga de futebol. Dessa maneira, é possível evidenciar que a presença de jogadores negros é uma exceção e não uma transformação estrutural, já que sua inclusão não representou o término das barreiras preconceituosas daquela sociedade, mas sim de como o futebol inseriu naquele contexto um grupo de pessoas marginalizadas sem modificar as hierarquias sociais existentes.

Assim, em junho de 1919, é criada a Liga José do Patrocínio, composta por clube de atletas e dirigentes negros da cidade de Pelotas. Sua fundação contou com a participação dos seguintes clubes: Sport Club Juvenil, Sport Club América do Sul, Sport Club Universal e Grêmio Sportivo Vencedor. Entre 1923 e 1935, juntaram-se o Grêmio Sportivo Democrata e o Grêmio Sportivo Luzitano. O primeiro jogo dessa liga ocorreu em 13 de julho de 1919, em um confronto entre o América do Sul e o Universal (Mackedanz; Silva; Rigo, 2021).

---

[5] Fundado em 25 de outubro de 1908, o estádio da Avenida, posteriormente estádio Boca do Lobo, é o estádio de futebol mais antigo no país.

[6] O estádio Getúlio Vargas existe ainda hoje. É utilizado pela equipe amadora do Progresso Futebol Clube em disputas de categorias de base.

Mackedanz (2016) destaca que os clubes pertencentes à Liga José do Patrocínio não concentravam suas ações apenas no cenário esportivo. Na área social, os clubes promoviam bailes, quermesses e festividades. Outro fato trazido pelo autor é a presença das mulheres negras nesses clubes. Diferentemente das mulheres de cor branca, elas participavam ativamente das atividades sociais realizadas, cabendo a elas não somente acompanhar seus maridos e/ou familiares, mas sim ocupar as mais diversas posições relevantes dentro desses clubes.

Da criação do primeiro clube de futebol da cidade de Pelotas, em 1906, perpassando a criação dos dois clubes profissionais que ainda desempenham suas atividades – Esporte Clube Pelotas, de 1908, e Grêmio Esportivo Brasil, de 1911 – se passaram 13 anos até a criação da Liga José do Patrocínio. E qual a relação dessa liga com o futebol praticado pelos clubes da elite fundados até então? Infelizmente, a resposta para tal questionamento não abarca inclusão social, pelo contrário, tratava-se de uma inclusão diretamente restrita ao desempenho esportivo de jogadores que conseguiam cativar os dirigentes dos clubes elitizados e do público (Filho, 2010). Assim, se deu a inserção do negro no futebol pelotense. Exatamente uma reprodução do ocorrido nos principais grandes centros do país, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Os registros fotográficos a seguir trazem duas fotografias dos primeiros anos de existência do Esporte Clube Pelotas e do Grêmio Esportivo Brasil. A primeira é do ano de 1911 e a segunda de 1915. O que elas apresentam em comum? A inexistência de jogadores negros.

Figura 1 – Esporte Clube Pelotas (1911)



Fonte: site Arquivo Lobão, 2015

Figura 2 – Grêmio Esportivo Brasil (1915)



Fonte: site Grêmio Esportivo Brasil, 2012

Por mais que, principalmente em cidades onde existem dois clubes de futebol, haja a segmentação desportiva e dicotômica entre Clube do Povo e Clube da Elite, a pesquisa realizada demonstra que essa é uma construção pós a profissionalização da modalidade, ocorrida somente em 1933 (Matias, 2020). Sendo assim, torna-se contraditória por parte de clubes de berço elitizado se utilizarem de bandeiras simpáticas ao clamor popular como a de ter sido o primeiro, em determinado local, a aceitar jogadores negros.

No futebol pelotense, a presença de um negro vestindo a camisa de Pelotas e Brasil atravessa memórias, fontes e esquecimentos. Por isso, no capítulo a seguir, utilizando a micro-história enquanto técnica se analisa um recorte – uma hipótese – que pode, se não responder quem foi o primeiro jogador negro de um clube profissional da cidade de Pelotas, ao menos traçar um caminho para que tal inquietação possa ser desvendada.

O pioneiro: Babá X Borches

Quem foi o primeiro jogador negro a disputar uma partida por uma agremiação profissional do futebol pelotense? Para responder essa pergunta, esta pesquisa buscou encontrar um equilíbrio entre a tríade que engloba fontes, bibliografia e próprias ideias do autor (Karsburg; Vendrame, 2016). Por isso, este capítulo não tem como pretensão estabelecer uma verdade definitiva, mas sim compreender, através dos objetos dessa tríade, como ocorreu a inserção do atleta negro nos clubes profissionais de Pelotas que ainda hoje perduram no cenário do futebol brasileiro.

A redução da escala para a análise proposta neste estudo permite que a reconstrução da trajetória do jogador negro no futebol pelotense possa elucidar os mecanismos de racialização e de hierarquização social promovidos pelo futebol no início do século XX. Na cidade de Pelotas, recorte espacial desta pesquisa, a presença de um jogador negro nos clubes das elites representava uma ruptura com as normas que regiam a sociedade naquele período.

Existem relatos, do dito popular, que em Pelotas, assim como em outras cidades, os primeiros negros utilizavam pó de arroz para embranquecer a pele para não chamar a atenção do público presente nos dias de jogos. Filho (2010) cunhou a expressão "pó de arroz" ao Fluminense do Rio de Janeiro, que fez uso do produto para que seus jogadores disfarçassem a cor da pele negra. Afinal, a sociedade forjada no período do pós-abolição de 1888 deixou uma herança de preconceito acentuado para as primeiras décadas do século XX.

> O negro e o mulato pretendiam as mesmas condições de vida e tratamento concedidos aos imigrantes, porém obstinavam-se em repudiar certas tarefas ou, o que era mais grave, o modo de dispor de seu tempo e energias. Assim, a escravidão atingia o seu antigo agente de trabalho no próprio âmago de sua capacidade de ajustar-se à ordem social associada ao trabalho livre. Tornava-se difícil ou impossível, para o negro e o mulato, dissociar o contrato de trabalho de transações que envolviam, diretamente, a pessoa humana (Fernandes, 1965, p. 13).

A dicotomia entre Clube do Povo e Clube da Elite tem sua gênese muito atrelada a quem foi o clube que aceitou negros em seus times primeiro. O que no início do século era depreciativo e cabível de disfarce com pó de arroz, atualmente é uma busca para a obtenção da simpatia e engajamento de um maior número de possíveis adeptos, ou seja, torcedores. Ter sido o primeiro clube de determinada localidade a incluir negros em seus quadros é visto como fator extremamente positivo na atualidade (Mackedanz, 2016).

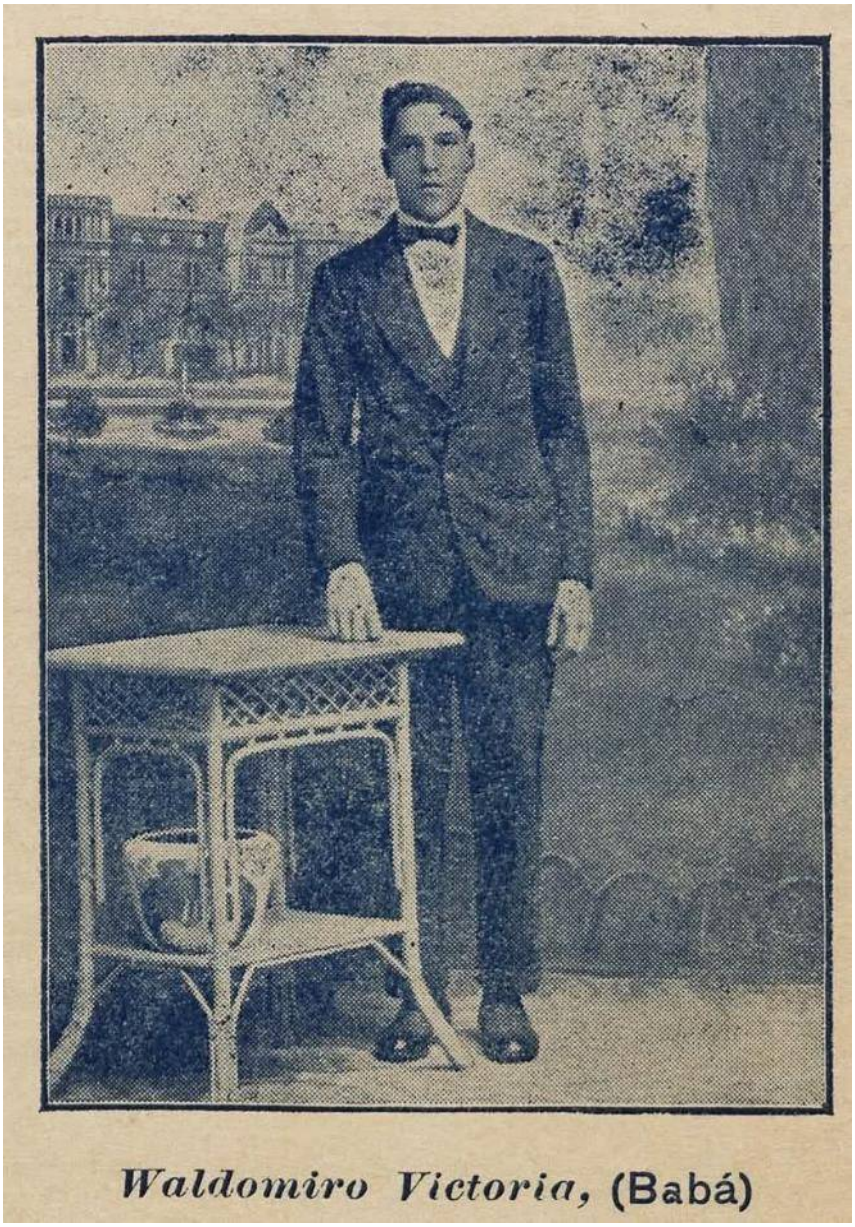
A presença de um jogador negro em Pelotas aponta para duas possibilidades: Babá e Borches. Um pelo lado do Esporte Clube Pelotas e outro pelo lado do Grêmio Esportivo Brasil, clubes com uma rivalidade centenária reconhecida em todo o território nacional. Borches jogou no Pelotas durante o período de 1924 até 1929 (Mendes, 2024). Já Babá, defendeu o Brasil no ano de 1917, sendo então, por uma questão de ordem cronológica o primeiro atleta negro a jogar num dos clubes profissionais do futebol pelotense.

Tal atitude, por parte do Grêmio Esportivo Brasil, passou a ser considerada ao final do século como um passo significativo na democratização da modalidade na região. Porém, ao acessar o acervo da Bibliotheca Pelotense, a imagem do jogador Babá causa estranheza e leva ao rompimento com a história linear construída pela principal fonte da época, a crônica esportiva. Vendrame (2020) aponta para a importância de investigar a complexidade e o protagonismo dos indivíduos na história. Porém, nesse caso, a escassez de material oriundo da imprensa e a baixa credibilidade de relatos acerca

do tema, fazem com que a busca pela primazia de incorporar atletas negros seja uma disputa moderna e inconfiável.

Após Babá, os próximos jogadores negros do Grêmio Esportivo Brasil foram Grandim e Ivo, em 1925, e Fruto, em 1929. Portanto, todos após Borches do Esporte Clube Pelotas, que em 1924 já atuava pelo clube. A seguir uma foto de Babá do Brasil, aquele que teria sido o primeiro atleta negro do futebol pelotense, e de Borches, o primeiro negro a jogar pelo Pelotas.

Figura 3 – Waldomiro Victória, o Babá



Fonte: Acervo Fred Mendes, 2025

Figura 4 – Foto Borches



Fonte: Acervo Fred Mendes, 2025

Ao contrastar as duas imagens é possível cogitar que o Grêmio Esportivo Brasil, para sustentar uma imagem de clube popular e romper com sua origem de clube social elitizado, construiu uma narrativa, que através da imprensa local do início do século XX, se tornou oficial. Obviamente, uma investigação mais aprofundada tem espaço para elucidar ainda mais o caso. A redução de escala como técnica, não leva a

uma verdade absoluta, mas aponta para uma hipótese real de como a presença do primeiro jogador negro num clube profissional de Pelotas foi construída e, possivelmente, silenciada. Um narrativa imposta, tornou-se oficial.

Cabe, ainda, ressaltar que as fontes centrais desse estudo levam a narrativas já estabelecidas na esfera pública, porém inexistente nos acervos consultados. Por isso, dentro do campo da micro-história, o uso do método indicial faz com que se tenha acesso a detalhes marginais aos documentos publicados na imprensa. Através da análise de trajetórias, torna-se possível uma análise futura ainda mais bem aprofundada acerca dos dois atletas pesquisados para o comparativo.

Assim, a comparação entre os dois clubes, Esporte Clube Pelotas e Grêmio Esportivo Brasil, não se limita a identificação do primeiro atleta negro, mas ela evidencia uma disputa narrativa contemporânea pela memória e pela legitimidade histórica. Essa disputa se insere no campo da História Pública ao existir no espaço público com torcedores, imprensa e clubes, assim como na História do Tempo Presente por abordar um passado que continua em debate e ressignificação, demonstrando como a construção histórica é atravessada por interesses, identidades e conflitos ainda vivos na sociedade.

Considerações Finais

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo forte preconceito e exclusão dos atletas negros no futebol elitizado que se praticava em território brasileiro. Galeano (2024, p. 49) resgata que “em 1921, a Copa América ia ser disputada em Buenos Aires. O presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, baixou um decreto de brancura: ordenou que não se enviasse nenhum jogador de pele, por razões de prestígio pátrio”. Assim, é possível compreender que a inserção dos negros no futebol se deu através de muito esforço e sacrifício de homens e mulheres para que, além da prática da modalidade, pudessem ter acesso a espaços de sociabilidade, lazer e afirmação cultural.

Em Pelotas, a estrutura social da cidade sofreu inúmeras transformações ao longo do tempo, assim como o futebol praticado nela. Os registros das três primeiras décadas do século XX apontam para a forma como o corpo negro ela compreendido: visível no campo de jogos, mas inviabilizado enquanto sujeito histórico. A distinção das ligas que abarcavam os clubes da elite e aquelas fundadas por e para negros e operários explicita o quanto a população excluída teve que romper com as estruturas sociais herdadas do pós-abolição.

Desse modo, até a profissionalização do futebol brasileiro, em 1933, o espaço dos negros no futebol elitizado era escasso, quase inexistente. Porém, ao longo do século XX, mas principalmente no início do século XXI, imersos em uma disputa onde ‘Clube do Povo’ é positivo e ‘Clube da Elite’ é negativo – rompendo com a dicotomia inicial do futebol – as agremiações passam a buscar a simpatia de adeptos. Uma das principais bandeiras desses clubes é aquela onde eles serviram de local para a inclusão de negros em seus times.

Assim, A dicotomia abordada neste estudo, entre Clube do Povo x Clube da Elite, dá espaço para outro tipo de disputa: aquela pontual, onde as mais diversas

possibilidades de um clube atrelar a si uma imagem ou simbolismo popular, prevalece. A consciência história passa a ser forjada cada vez menos baseada em evidências documentais e cada vez mais em cima de opiniões pessoais, algo que para o campo da história se apresenta de forma nociva. Afinal, segundo Bergson (1999), memórias não são registros, pois elas podem mudar com o tempo. N

No tradicional futebol pelotense, com a forte rivalidade Bra-Pel, o desafio de qual foi o clube pioneiro e quem foi esse primeiro atleta negro a disputar uma partida por uma das duas agremiações proporciona inúmeras discussões e contradições. O caso analisado neste estudo, dos jogadores Babá e Borches, mais do que identificar um nome ou determinado período, evidencia a origem de um espaço de disputa racial, social e simbólica. Por isso, repercutir indícios, contradições e silêncios contribui não só para a história social do futebol pelotense, mas também para uma crítica frente às narrativas construídas e afirmadas, o que coloca o futebol como um espaço privilegiado para compreender as tensões da sociedade ao longo do tempo.

O que no início era inaceitável – a presença de jogares negros nos clubes das elites – passou a ser uma busca com o intuito de atrair e aglutinar torcedores sob essa temática. Por isso, se faz cada vez mais necessário a crítica acerca das narrativas criadas e afirmadas com o uso da escassez de documentos e do silenciamento das fontes oficiais. Nesse sentido, a análise crítica realizada nesta pesquisa, a qual se utiliza do futebol pelotense como recorte espacial, tem espaço para reflexões similares em todo o território brasileiro, mais precisamente nas cidades com dois ou mais clubes. Além disso, pelo hiato temporal entre o início do século segregador e os dias atuais simpáticos a inclusão racial no futebol, associados a escassez documental, não é possível precisar nesta pesquisa quem foi o primeiro negro do futebol pelotense. Porém, muito menos, pode-se negar quaisquer uma das hipóteses. A disputa dentro e fora de campo há de continuar!

Referências Bibliográficas

ALVES, E. **O futebol em Pelotas.** Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

AMARAL, M; OSÓRIO, S. **A História dos Bra-Péis, 2008.** Pelotas: Editora Signus Comunicação, 2008.

BERGSON, H. **Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ÉDER, J. **BRAPEL: A rivalidade no sul do Rio Grande.** Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2010.

EDIÇÃO DO BRASIL: **Mais da metade dos jogadores de futebol vivem com uma salário mínimo.** 09 jul. 2021. Disponível em: https://edicaodobrasil.com.br/2021/07/09/mais-da-metade-dos-jogadores-de-futebol-brasil-vivem-com-um-salario-minimo/ Acesso em: 24 mar. 2024.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Dominus Editora, 1965. (vol. 1, O legado da raça branca).

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 5 ed. 2010.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2024.

GINZBURG, C. **Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito da micro-história.** In: O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KARSBURG, A; VENDRAME, M. **"Investigação e formalização na perspectiva da Micro-história".** In: VENDRAME, M; KARSBURG, A; MOREIRA, P. (Orgs) Ensaios de Micro-história, trajetórias e imigração. São Leopoldo: Oikos: Ed. Unisinos.

MACKEDANZ, C. **Racismo nas "quatro linhas": os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)**. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2016. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/5562/Christian%20Ferreira%20Mackendanz_Dissertacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 12 jul. 2025.

MACKEDANZ, C; SILVA, D; RIO, L. Liga de Futebol José do Patrocínio (1919-1936): Um símbolo de resistência ao preconceito racial no futebol pelotense. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História,** v. 70, p. 235, 2021: Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/49714/pdf Acesso em: 15 mar. 2025.

MAGALHÃES, L. G. **Histórias do Futebol.** São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MATIAS, W. **Futebol de Espetáculo.** 1. Ed. Curitiba: Appris, 2020.

MENDES, F. **No Dia da Consciência Negra, relembramos Borches, o primeiro atleta negro a vestir a camisa do Pelotas.** Arquivo Lobão. 20 nov. 2024. Disponível em: https://arquivolobao.com.br/no-dia-da-consciencia-negra-relembramos-borches-o-primeiro-atleta-negro-a-vestir-a-camisa-do-pelotas/ Acesso em: 11 ago. 2025.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e esporte-empresa.** Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 1998. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/170399 Acesso em: 20 mar. 2024.

RIBEIRO, G. **Entre a espetacularização e a exploração no mundo da bola – o jogador de futebol enquanto mercadoria: Estudo de caso Projeto Atletas Livres – Polo Pelotas do Siapergs.** Pelotas: Editora Morus, 2025. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1bPOLYEFoMA-4E4tIu9NqDts2nh9mrPVl/view?usp=sharing Acesso em: 21 jan. 2025.

SCHWAMBACH, A. **Copa de 2026 será a mais rentável da história, diz estudo.** CNN Brasil, 09 jan. 2026. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/copa-de-2026-sera-a-mais-rentavel-da-historia-revela-estudo/ Acesso em: 15 jan. 2026.

TRIVELLATO, F. **"Existe um futuro para a Microhistória italiana na Era da História Global?"** In: CARNEIRO, D; VENDRAME, M. Espaços, escalas e práticas sociais na micro-história italiana. Rio de Janeiro: FGV, 2021.

VENDRAME, M. **Entrevista com Maurizzio Gribaudi.** In: VENDRAME, M; KARSBURG, A. Micro-história: um método em transformação. São Paulo: Letra&Voz, 2020.